



Universo digital e fidelidade

Grupo de Juniores Dehonianos do Seminário de Alfragide

O que fariam os nossos fundadores se tivessem, ao seu dispor, a tecnologia que possuímos hoje? Certamente que esta questão já passou pela nossa cabeça, até porque não é de todo inocente. Ela leva-nos a refletir profundamente sobre a nossa própria vida e a questionar se aquilo que somos e fazemos corresponde à verdade que nos habita. No fundo, este olhar retrospectivo conduz-nos às interrogações que dizem respeito ao presente que vivemos, este presente e esta existência, profundamente vinculados ao mundo digital e, se quisermos, virtual. São questões que tornam o «mundo digital» uma realidade inevitável e carecido de reflexão. O digital caminha e vive connosco: nos nossos bolsos, nas nossas mãos, está à nossa frente, enfim, acompanha-nos sempre, por todo o lado. Mas sabemos lidar com essa presença? Penso que concordarão que não há respostas fáceis a esta questão.

1. Olhar para a fidelidade a partir do digital

Hoje, tal como noutros tempos, *estar no mundo* sem que esse mundo se torne o centro é algo que implica uma formação sólida, convicções e princípios estruturantes e uma capacidade de questionar a nossa relevância e pertinência neste contexto. E podemos perguntar: que sentido tem e como é que é vista a nossa vocação consagrada, a doação da nossa vida, neste “universo” digital? E a fidelidade? Poderemos permanecer fiéis, mesmo quando ninguém sabe bem quem somos neste «novo mundo virtual»? Poderemos ser coerentes com o nosso testemunho de vida? Poderemos ser verdadeiros à mensagem do Evangelho? Ou, por outro lado, esquecemos quem somos quando navegamos por este «universo digital»?

A fidelidade não se desliga quando se liga o tecnológico. Neste sentido, não podemos falar da fidelidade no universo digital sem que isso implique a fidelidade entendida de um modo geral e mais profundo. A fidelidade não se verifica nem se pratica por secções/compartimentos (cf. *Mt* 6, 24). O consagrado não divide a sua fidelidade em áreas de ação: hoje fiel a Deus e amanhã fiel a si mesmo; hoje fiel à comunidade e amanhã fiel aos amigos. Daí que urja definir, desde já, que a fidelidade no universo digital se refere sempre à capacidade de integrar todos os aspetos da vida dentro da própria identidade e dos princípios da vida em comunidade.

É inegável o impacto que a evolução digital tem trazido às nossas comunidades e ao relacionamento interpessoal. Se ouvir rádio era uma questão controversa há umas décadas atrás, o que se pode dizer, hoje, dos «perigos da *internet*»? Basta um olhar rápido pelos jornais para entender que é necessária uma adequada educação para o uso destes meios digitais, desde tenra idade. Isto, porque o homem tende a diluir-se neste espaço digital que, por si só, pouco ajuda ao crescimento e maturação humana. Se, até há bem pouco tempo, este era um drama partilhado por muitos pais a respeito dos seus filhos – que viviam na dependência do computador, do telemóvel e da internet – hoje é um problema de todas as gerações e estados de vida. São jogos, vídeos, filmes, distrações, conversas «privadas» com estranhos, imagens que não controlamos, textos sem qualquer filtro – tudo existe para quem procura e sente uma insaciável e grande curiosidade em “saber”, em saber sempre mais, sem se preocupar se é verdade ou mentira. E aos poucos vemo-nos num mar do imediato, do instante, do querer, do desejo realizado no espaço de um clique.

Procuremos pensar no testemunho que somos chamados a dar pela nossa fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo. Se é verdade que pela nossa consagração nos tornamos «diferentes» no mundo, não é menos verdade que não existimos fora dele e que em tudo podemos ser testemunhas da bondade que nos habita e que precisa de ser partilhada. Há que humanizar e divinizar também este universo de *bytes* e dados, de zeros e uns. Não podemos desvalorizar e abandonar este fórum digital, sobretudo neste tempo particular em que vivemos, onde o digital, muitas vezes, se tem apresentado como o mais adequado e possível para convivermos. Estamos convictos que, no silêncio e na solidão do homem, nos espaços de publicidade, entre a espera da abertura de uma nova página, um novo *site*, Deus quer falar ao homem, Deus quer comunicar e dar-Se a conhecer. Portanto, é nossa missão estar presentes onde Deus, muito antes de nós, já se instalou como Presença (cf. *Jo* 1, 1-18).

2. Avaliar o digital a partir da fidelidade

Como é normal, este ambiente de comunicação digital ou nos ajuda a crescer ou nos desorienta¹. Daí a importância da reflexão sobre as interpelações do digital, que nos podem ajudar a ser cada vez mais fiéis à nossa missão, também neste mundo tecnológico. Atualmente, é evidente que lemos cada vez menos e aquilo que lemos torna-se cada vez menos útil, porque é fragmentário. Torna-se penoso pegar num livro e ler, pelo menos, uma página, fazendo um exercício de compreensão e reflexão sobre o que se acabou de ler. Isto acontece porque a nossa atenção não é mais a mesma e muito se deve ao modo como interagimos com o universo digital. Pensamos que somos os campeões do «*multitasking*», do fazer mil e uma coisas ao mesmo tempo e acreditamos que a abundância de informação – visível na quantidade de separadores abertos em simultâneo – nos tornará mais eficientes na nossa missão (cf. *1Cor 13, 1-13*). A *internet* é um manancial de informação, uma abundância quase infinita de possibilidades. Ao mesmo tempo que nos dá a sensação de saciedade, rouba-nos a capacidade de reflexão e discernimento². Será que este mundo se traduz numa expressão equilibrada e correta do que nós somos? Torna-se difícil, para muitos de nós, processar tanto conhecimento. Muito dele, nem sequer verdadeiro, é colocado intencionalmente para guiar as nossas consciências: as chamadas «*fake news*».

No meio deste mundo digital, o real torna-se espelho e esquece-se o olhar crítico sobre a realidade. No desejo da partilha, na justa vontade de comunicar e conectar-se com o próximo acabamos por ir ao encontro do que já sabemos e da confirmação das nossas próprias convicções. Trata-se, portanto, de uma espada de dois gumes, onde a procura alimenta a ideia de encontro, mesmo que isso signifique um rodopiar sobre si mesmo: sigo quem gosto e não ligo à diversidade das opiniões; procuro e são-me dadas sugestões que alimentam o mesmo de mim próprio. Sem nos apercebermos, este «universo digital» encolhe-se e fecha-se nos nossos gostos, no universo da nossa própria identidade, tornando-se difícil resistir à tentação do possuir, do querer e comandar. E desejamos tanto ter, que ao fim do dia nos sentimos sem nada, porque nada parece ter importância quando nada fizemos para o ter. Recorda-nos o Papa Francisco: «*A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondam apenas às nossas expectativas e às nossas ideias*»³. Na verdade, corremos o risco gravíssimo de ir perdendo a noção da nossa identidade, uma vez que o normal desenvolvimento e amadurecimento da vocação pode ser determinado e influenciado,

¹ Cf. CIVCSVA, *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*, n.º 21.

² Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagem para a XLVIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais*. Comunicação para o serviço de uma autêntica cultura do encontro (1 de junho de 2014).

³ Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagem para a XLVIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais*. Comunicação para o serviço de uma autêntica cultura do encontro (1 de junho de 2014).

decisivamente, por aquilo que recebemos dos nossos ecrãs. A gravidade da situação não está no meio, mas no próprio utilizador, na medida em que ao proceder desta forma se priva e priva os outros daquela autenticidade que o deveria caracterizar, enquanto pessoa que se propôs a uma vida de entrega e de serviço a Deus e aos outros. Tornamo-nos neutros, sujeitos passivos e facilmente controláveis, sempre que trocamos a justa vontade de comunicar pelo desejo de nos projetarmos.

Um outro risco que, não poucas vezes, aparece nas avaliações que se fazem desta realidade é o do isolamento. O que em potência é um meio para chegar aos outros pode tornar-se num potenciador da fragmentação das relações interpessoais, sobretudo em contexto de vida comunitária, como é o caso da vida consagrada⁴. Certamente que conhecemos alguém que, chegada àquela hora, desaparece ‘do mundo’ e mais ninguém sabe dele. É um exemplo de como a ligação ao mundo digital, quando não é bem gerida, se torna numa verdadeira infidelidade.

Por outro lado, verificamos que este universo também tem fortalecido muito positivamente as ligações intercomunitárias. Nunca as nossas comunidades religiosas estiveram tão unidas/conectadas. É verdade! Através desta «janela digital», sobretudo neste tempo de “isolamento físico” em que vivemos, torna-se possível ligar comunidades e pessoas e até reinventar formas de nos encontrarmos que, certamente, permanecerão, pelo menos em parte, como hipóteses viáveis no futuro. Pensamos que é um bom aproveitamento deste meio que Deus nos dá e uma concretização de tudo aquilo que aprendemos sobre a vivência do *Sint Unum*. São Paulo, certamente, desejaria algo assim. Imaginemos a quantos lugares e pessoas não teria chegado, se tivesse tido a possibilidade de usar o *Whatsapp* ou o *Facebook*, e quantas querelas se evitariam nas comunidades! Diremos que viver a fidelidade, neste contexto, passará também por esta «ligação fraterna digital» que nos une e congrega como comunidade de comunidades.

Por último, impõe-se como um grande desafio à vida consagrada algo que, de certa forma, já foi sendo tratado nos pontos anteriores, isto é, a gestão do tempo. Não está em causa, apenas, o que se faz ou como se usa o mundo digital, mas também o tempo que a ele dedicamos. A questão não está num apurar estatístico da quantidade de horas dedicadas ao digital, até porque a missão de cada qual, por si mesma, implica que haja ritmos diferenciados. Mas, na capacidade de cada qual se questionar sobre o modo como isso pode estar, ou não, a afetar as outras dimensões da vida. No meio disto tudo, consigo dedicar tempo suficiente e de qualidade à oração, à leitura, à meditação, ao estudo? No fundo, mantenho-me fiel aos princípios e ações que orientam o estilo de vida para o qual me consagrei? Consciente das dificuldades que a vida quotidiana pode trazer à vida consagrada, o nosso fundador, Padre Dehon, ainda que não tivesse conhecido o mundo

⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica pós-Sinodal *Christus vivit* (25 de março de 2019), n. 108.

digital, com razão afirmava: «*A ordem é indispensável a toda a casa espiritual, a toda a obra, a todo o coração humano, a toda a alma que pretende alcançar a finalidade da sua existência e cumprir os deveres do seu estado*»⁵.

Assim, podemos concluir que o universo digital, de um certo modo, não traz problemas novos (cf. *Ecl 1, 9*), mas reaviva criativamente desafios de todos os tempos, tais como a questão da autenticidade, da gestão do tempo, do cuidado com a vida interior e de oração, entre outros. Cada consagrado está chamado a interiorizar estes e outros valores/princípios que servirão de auxílio no seu caminho.

3. Interagir no digital, ser fiel no agir

Em primeiro lugar, sentimos que é necessária uma grande liberdade interior e coerência de vida. Por detrás de cada perfil, pesquisa e clique não está um automatismo mecânico, mas uma pessoa real e concreta, está uma vida humana que deve ser respeitada e respeitadora. Observamos que o universo digital pode ser um mundo propício para que a autenticidade e liberdade que nos caracteriza enquanto consagrados possa ressoar como anúncio profético do Evangelho. Aliás, trata-se não somente de uma missão religiosa, mas também humana, pois, onde normalmente abundam “máscaras”, projeções fictícias e desvirtuadas da real identidade, aí está um espaço e uma oportunidade para que a verdade habite. Esta é uma chamada de atenção a nós mesmos: a coerência! Ninguém deveria ser no digital o que não é no real, por muito que isso comporte alguns sacrifícios. É importante estar com critério: fiéis à verdade e alegres na perseverança⁶.

Em segundo lugar, estar no digital implica que se faça caminho em direção à sã vigilância e responsabilidade. O facto de agirmos a partir de um dispositivo informático, tantas vezes a partir da nossa própria habitação ou quarto, pode dar-nos a falsa sensação de controlo absoluto sobre aquilo que fazemos. Muitas vezes, até perdemos a noção de que o *online* é um espaço aberto, é um mundo sempre em movimento, feito de *gigas* de informação e de milhares de utilizadores. Por isso, tal como noutra qualquer forma de vida social, é importante agir responsabilmente, no respeito e vigilância sobre nós mesmos, mas também pensando nos outros mais próximos, sobretudo os mais frágeis e todos aqueles que formam a comunidade digital. Disso depende também a nossa missão e fidelidade.

⁵ PADRE LEÃO DEHON, *Directório espiritual*, 171.

⁶ CIVCSVA, *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*.

Por último, cremos que é de suma importância continuar a investir na formação pessoal e comunitária para uma melhor adequação aos novos meios digitais. Por ser uma dimensão que é hoje praticamente assumida de forma natural entre todos os religiosos, dos mais novos aos mais velhos, se calhar nem sempre se tem presente que esta área é parte integrante do arco formativo e não um mero anexo. Não se trata de oferecer formação técnica para o uso dos dispositivos e plataformas digitais – muito embora, verifiquemos que essa formação seja necessária em determinados contextos, sobretudo quando não foi possível aceder aos meios e à aprendizagem –, nem tão pouco da questão da privação ou não destes meios em fases iniciais da formação, mas da reflexão sobre a necessidade de estabelecer valores e princípios que possam guiar cada ação dentro e fora do universo digital. Cremos que só assim poderemos desenvolver as competências necessárias para darmos um bom testemunho da vida consagrada no mundo digital.

AUTORES

João Amaro Pestana

António Jesus da Silva

José Manuel Pereira

Lourenço Murabela

Miguel Roque

Roque Forma

Fabrise Pekwefah

Nigel Suilareng